

José Carlos de Andrade (28/5/1942 – 11/6/2008)

RBCCV 44205-993

Antonio Carlos Carvalho*

É difícil traduzir em poucos parágrafos um convívio profissional e de amizade de mais de 30 anos com uma pessoa tão ebullente, ativa e cheia de vida como o José Carlos Silva de Andrade.



Fig.1 – Dr. José Carlos de Andrade e a esposa Isabel (Bela Bastos de Andrade)

O Zé Carlos (“Passarinho”) preenchia como ninguém aquela faceta de múltiplos interesses e capacidades, todas vividas em alta velocidade e com enorme carga elétrica (energético, atlético, competitivo, alguém que adorava e curtia a vida em toda a sua magnitude e em todos os seus detalhes), enfim uma pessoa feliz com a vida. Era uma pessoa extremamente ligada à família, mas ao mesmo tempo, era um cirurgião dedicado e inventivo, um professor que “montava” e “dava” aulas dinâmicas e interessantes, um permanente contestador de verdades estabelecidas, um “mágico” que mais do que ninguém se divertia e ficava feliz com seus truques, ou que exibia com maestria seus dotes de pizzaiolo, o esportista que adorava água, a lancha, o ski aquático e o piloto que voava como um “passarinho”, livre, em seu avião.

Saborear e viver a vida, feliz, livremente, sorver tudo em todos os instantes, este parecia ser o lema do Zé. Parecia dizer a muitas pessoas: a vida é um presente que recebemos de Deus, é uma oportunidade única, não vamos desperdiçá-la com rabugices, mesquinhas ou tristezas além do tempo necessário para cicatrizar as feridas, problemas existem e devem ser enfrentados, porém nunca deveríamos deixar o

lado negativo atrapalhar o aspecto positivo de estarmos continuamente vivendo uma experiência rica e variada, cheia de eventos maravilhosos, e que nos permitem no dia a dia compartilhar com a natureza os cantos dos pássaros, o verde da mata, o abrir e as cores de uma flor, o brilho das estrelas, o calor do sol. É uma pena que muitas pessoas, com saúde, vivam, mas não enxerguem e não apreciem os pequenos detalhes que tornam a vida tão boa de ser vivida e que o Zé sabia apreciar tanto. Esta é, provavelmente, uma das maiores razões (motivo de incompreensão para alguns) pela qual morar relativamente distante, junto à Represa de Guarapiranga, deslocando-se diariamente para o centro de São Paulo, não constituiu obstáculo. O prazer de conviver mais perto da natureza ganhava de longe do desconforto de uma locomoção maior.



Fig.2 - Dr. José Carlos de Andrade “fazendo mágica” durante o XIX Congresso Brasileiro de Arritmias Cardíacas, realizado em 2002, em São José do Rio Preto, SP

Expansivo, alegre, junto com a Bela formou e teceu uma rede incrível e ampla de amigos na Escola, em outras Instituições da Capital paulista, no interior do Estado de SP, em outros Estados e no Exterior, da América Latina aos USA, passando por Portugal, Alemanha, Espanha e Itália. Seu conhecimento técnico e a admiração e respeito profissional que recebia em todos estes locais foram testemunhas sólidas de como ele elevou e espalhou seu nome, mas acima de tudo o da Cirurgia Cardiovascular e da EPM-UNIFESP, em praticamente todos os rincões. Apesar de todos estes aspectos, jamais foi uma pessoa que “brigasse” para aparecer ou participar em eventos ou em

artigos. Os convites que recebia sempre traduziram o respeito ao conhecimento que carregava consigo.

O Zé foi importantíssimo, junto com o também falecido Décio Kormann, em divulgar e formar uma “escola” que exigiu qualidade e absoluta responsabilidade profissional na Estimulação Cardíaca. Com certeza muito do que ocorreu a posteriori nesta área, no âmbito da Sociedade, deveu-se ao estabelecimento de regras apropriadas comandadas pela dupla de pioneiros. O Zé foi ainda o primeiro editor da então Rebrampa, Revista Brasileira de Marcapasso, tarefa que aceitou quando confrontado com a idéia de “plantar sementes” que permitissem um desenvolvimento adicional deste campo em nosso meio, criando oportunidade para exposição da produção científica nacional, então iniciante, nesta área.

O Zé Carlos foi MESTRE e PROFESSOR na acepção da palavra. Formado na então Escola Paulista de Medicina, fez a formação de cirurgião torácico e cardíaco da época, e junto com o Dr. Gallucci, Vicente Forte, Enio Buffolo e José Ernesto Succi constituiu um grupo de alta qualidade elevando o nome de sua Instituição a um patamar de altíssimo nível. Teve exposição a praticamente todas as doenças cardiovasculares, ficando com uma formação eclética, extensa e completa. A intensa formação clínica de então, com discussões detalhadas do pré, intra e pós-operatório, propiciou aos cirurgiões da época uma base clínica de grande qualidade e um dos grandes atributos do Zé, talvez um dos menos conhecidos por seus colegas, era o de fazer excelentes hipóteses e diagnósticos clínicos. As apresentações em Congressos demonstravam sua capacidade de dar ótimas aulas, em Simpósios e Controvérsias mostrava seu conhecimento, improvisado e versatilidade, mas apenas quem o conhecia bem no consultório, examinando pacientes pela primeira vez, teve a oportunidade de compartilhar sua alegria em acertar diagnósticos clínicos difíceis. Quando o paciente retornava com o exame pedido e com o diagnóstico que havia suscitado, ficava todo feliz e vinha “correndo” mostrar a hipótese feita e o acerto diagnóstico.

Quão irônico, trágico e triste ouvir dele mesmo o veredito correto de seu próprio diagnóstico e de seu tempo de evolução após uma radiografia de tórax feita por causa de um período de tosse prolongada: “estão tentando passar uma imagem de tranqüilidade e benignidade que não existe, vamos fazer de tudo, mas estou ‘fu....’, não vivo mais que dois anos se tanto” foram seus comentários iniciais, palavras pirogravadas e impossíveis de serem esquecidas. Logo ele, após a tragédia de seu filho, ambos tão energéticos e apreciadores da vida, que “paulada” para a Bela, a Veri e o Júnior.

A importância do Zé, como catalisador na área, fica clara pelas inúmeras homenagens que recebeu, felizmente ainda

em vida, da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular, do DECA, da SOCESP, do INCOR e IDPC por meio de seus setores de estimulação cardíaca. Elas traduziram o reconhecimento, a valorização profissional e o muito obrigado que as pessoas da área viam no perfil do Zé. Entretanto, nenhuma pessoa humana deixa de apresentar “senões”. O JC era teimoso (e muito), turrão, inflamado e até briguento e agressivo caso se sentisse insultado, defendendo com altivez e posicionamento o que julgava correto. Mas a imagem dele que ficará para sempre é a do José Carlos alegre, feliz, responsável, prestativo, colega e amigo, que adorava sua profissão, que fez questão de colocar um marcapasso em minha mãe quando já não tinha muitas forças, precisando se sentar inúmeras vezes durante o procedimento para descansar, sempre exigente com a qualidade profissional oferecida aos pacientes, um verdadeiro “Life-Love-Work-Lover”.

Sua perspicácia, engenhosidade e inventividade até atrapalhava sua rotina cirúrgica pela dificuldade de manter a padronização detalhista que uma especialidade como a cirurgia cardíaca exige. A partir de uma idéia do Enio, desenvolveu em seu Doutorado, de forma magnífica, um ambiente prático de cirurgia experimental, permitindo o treinamento de Residentes em diversos tipos de cirurgia cardíaca e permitindo ainda que os “Mestres” de determinadas técnicas cirúrgicas fizessem demonstração, de forma clara, lenta e repetitiva, se necessário, aos mais jovens. Foi extremamente importante por passar responsabilidade e exemplo permanente para os alunos da graduação, da residência e da pós-graduação. Fez inúmeras brincadeiras inesquecíveis como a da gota d’água na testa do plantonista e a de “colar” rolha de champagne em aniversário, impedindo abertura das garrafas.

Embora de forma extemporânea, aproveitou a oportunidade para lembrar a todos os colegas da SBHCI e de Cirurgia Cardiovascular da necessidade de cuidados permanentes quando usamos equipamentos radiológicos prolongadamente. Afinal, em relativamente pouco tempo tivemos dermatite actínica nas mãos do João Lourenço, linfoma no Samuel e perdemos o Dirceu Vieira dos Santos, o Décio Korman e o José Carlos também com neoplasias. O Zé foi alegrar com suas brincadeiras, jogos e mágicas a turma “lá de cima”, talvez quebrar a monotonia e a rotina que deve haver no Paraíso, mas certamente continuará a fazer suas mágicas, brincadeiras e a demonstrar que apesar de tudo a felicidade existe. Este “Passarinho” voou e fugiu de nosso convívio, mas as sementes que deixou permanecerão e continuarão a dar bons frutos: a família, a Cardiocir, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular e o DECA que o digam.

**Professor Titular de Cardiologia da Unifesp*